

29 JUN 1989

A razão lógica

As aflições por que passam os candidatos presidenciais, justamente os que se agasalham nos grandes partidos, refletem a lógica da política. Há muito analistas e pesquisadores vêm detectando o desgaste da atividade política no País como consequência da perda da fé, por parte da sociedade, na sua classe dirigente. Os meios de comunicação têm sido extensos, nos últimos anos, na enunciação do fenômeno, mas não houve reação. Os políticos continuaram acreditando no milagre do discurso, e investiram fundo no populismo.

A política, como toda atividade humana, submete-se a um processo lógico. Não era lógico que, como corolário de tão vasto e evidente processo de perda de consistência, os políticos tradicionais empolgassem as massas numa campanha eleitoral. Não poderiam e não empolgaram. Estão eles agora perplexos porque foram incapazes de captar os sinais inconfundíveis da direção que tomava o processo histórico no Brasil. Negaram a força da razão lógica, e perderam.

Os homens precisam de motivo para fazer ou deixar de fazer alguma coisa. Para votar, por exemplo. Por que alguém votará em outro alguém, senão na hipótese de vislumbrar no ato um benefício para o País e, portanto, para si próprio? Essa é a perquirição básica do eleitor, a qual, convenhamos, não é satisfatoriamente respondida pelo elenco de candidatos que a estrutura partidária nos está impondo. Qualquer das hipóteses eleito-

rais hoje disponíveis atenderá muito pouco à ansiedade de quem, como todos, no momento, indagam perplexos sobre o futuro.

O Brasil precisa desesperadamente de um estadista, e um estadista não está disponível entre os técnicos. Pelo menos não tem sido assim na história dos povos que, em diferentes épocas, apresentaram ao mundo os seus estadistas. Eles são, invariavelmente, políticos. Mas os teremos entre os nossos políticos conhecidos? Estadista e populista são figuras mutuamente excludentes. O estadista guarda, inconfundivelmente, a personalidade do homem assético, capaz de vislumbrar o interesse público por cima da conjuntura e da conveniência partidária. Ele é um homem de Estado, não de comistrações e falsa piedade. É um homem capaz de demitir 90 mil funcionários públicos para salvar a pele de 150 milhões de outras pessoas. Não vemos, ninguém vê este homem nas alternativas eleitorais mais visíveis hoje no País.

Porque ninguém os vê, os partidos, grandes partidos, não conseguem mover suas máquinas eleitorais. Elas simplesmente não andam. O processo está correndo, até aqui, à margem das estruturas partidárias, porque o povo não encontrou nelas referências seguras. Nem fora delas, certamente. Mas fora delas há o desconhecido, algo melhor do que o insatisfatório conhecido.

A lógica indica que o quadro de opções que aí está não está completo.